

# O sentido pascal da morte na perspectiva da esperança cristã no mundo contemporâneo

*The paschal meaning of death in the perspective of christian hope in the contemporary world*

*Gilmar Antônio Aguiar*

## Resumo

Conforme um ditado popular, “tudo que está vivo um dia morre”. Apesar disso, somos sempre impactados pela percepção da finitude humana, uma vez que a vida e a morte estão profundamente entrelaçadas. Em meio aos cenários de mortes, intolerâncias, violências e guerras, o ser humano se questiona sobre o sentido da vida. A morte e o luto são realidades humanas que podem ser vividas sob várias perspectivas, dentre as quais destaca-se a cristã, que não vê um fim, mas uma esperança. A partir da realidade pastoral de nosso tempo, percebemos desafios constantes no diálogo da teologia com outras ciências na busca de responder às inquietações e angústias humanas. As Catequeses do Papa Francisco sobre a Esperança cristã podem nos ajudar a refletir sobre a necessidade de uma cultura de paz e fraternidade. Para isso, precisamos “caminhar juntos”, na vivência da missão da Igreja, a qual é instrumento de consolação frente às realidades de injustiça, morte e opressão (Is 40,1-2). Portanto, a fé e a esperança na participação no Mistério Pascal de Cristo confirmam a grande certeza na Ressurreição. Nesta perspectiva, a morte do cristão não constitui uma ruptura definitiva, mas uma comunhão mais íntima e eterna com a Trindade.

**Palavras-chaves:** Papa Francisco. Morte. Esperança cristã. Teologia. Pastoral.

## Abstract

According to one popular saying, “all that is alive one day dies.” Nevertheless, we are always impacted by the perception of human finitude, since life and death are deeply connected. In the midst of the scenes of deaths, intolerances, violence and wars, the human being wonders about the meaning of life. Death and mourning are human realities that can be experienced from various perspectives, among which stands out the Christian, who sees not an end, but a hope. Starting from the pastoral reality of our time, we perceive constant challenges in the dialogue of theology with other sciences in the search to respond to human concerns and anxieties. Pope Francis’ Catecheses on Christian Hope can help us reflect on the need for a culture of peace and fraternity. For this, we need to “walk together”, in the experience of the Church’s mission, which is an instrument of consolation in the face of injustice, death and oppression (Is 40,1-2). Therefore, faith and hope in participation in the Paschal Mystery of Christ confirm the great certainty in the Resurrection. In this perspective, the death of the Christian is not a definitive rupture, but a intimate and eternal communion with the Trinity.

**Keywords:** Pope Francis. Death. Christian hope. Theology. Pastoral.

## Introdução

O mundo contemporâneo apresenta muitos desafios às ciências humanas, as quais precisam responder rapidamente às inquietações existenciais e espirituais. O momento histórico que atravessamos é problemático e desafiador nas várias dimensões da vida humana. A teologia e a pastoral da Igreja se deparam com vários desafios para dialogar, reafirmar seu lugar, seus princípios e tratados frente à transversalidade de conhecimentos e pesquisas. No entanto, em meio à secularização, à globalização e à pós-modernidade nos desafiamos a falar da experiência de fé, esperança em Deus, finitude da vida humana e do luto.

É inegável que o enfrentamento da morte e vidas perdidas pelas guerras ou pela pandemia da covid-19 é uma realidade impactante na humanidade inteira. Com a pandemia, vimos grandes desigualdades sociais, como, por exemplo, quando nações proveram as primeiras imunizações enquanto outras nem tinham o suporte necessário para o socorro digno das pessoas (superlotação das unidades de

saúde, estresse, falta de utensílios de segurança, receitas de medicações sem eficácia, turnos pesados de plantões, etc).

É notório que também o cenário religioso sofreu modificações significativas no modo de realizar as celebrações religiosas, as quais tiveram que se adaptar às novas regras e modelos, adequando-se ao uso das novas tecnologias. Nesse contexto, nos chama a atenção o exercício da humanização frente a dor do próximo, buscando uma assistência pastoral sempre mais viva e samaritana (Lc 10,25-37). Nesse ponto, o luto e a celebração da morte do cristão são perpassados pela esperança, a qual encontra sua razão de ser no evento Cristo e na sua ressurreição. Desse modo, as Catequeses do Papa Francisco sobre a Esperança cristã nos oferecem grandes ensinamentos que apontam para um Deus amoroso, que impele todos os cristãos a serem misericordiosos (Lc 6,36).

A nossa esperança parte da escolha amorosa e incondicional de Deus por nós. Por consequência, uma vez amados e consolados por ele, somos chamados a exercer também essa consolação uns aos outros, sobretudo aos mais sofredores. No entanto, a morte é a companheira inseparável da vida, permanecendo para o homem um enigma profundo, que tem fundamento e sentido no Mistério Pascal de Cristo.

## **1. Os desafios trazidos pela modernidade para o âmbito eclesial**

É concorde que enfrentamos uma época de constantes mudanças ou uma mudança de época, um momento de travessias. Estamos no mundo virtual, tecnológico, globalizado e ultramoderno. A Idade Moderna começa com grandes acontecimentos, época das grandes descobertas, do Humanismo, da Reforma, da Contra Reforma e da Revolução Francesa. O Humanismo provocou um olhar positivo sobre o valor da vida humana (possibilidade de diálogo entre o mundo moderno e a Igreja). A Reforma despontou como uma forte contestação da autoridade, e, em contrapartida, ocorreu uma reação eclesial de conscientização dos fiéis da própria fé.

A Contra Reforma exaltou a dignidade sacerdotal, provocando a separação do sacerdote em relação ao leigo e ao mundo. Todavia, a partir da Revolução Francesa surgiram tentativas de soluções, isto é, iniciativas diante dos problemas religiosos que emergiam no campo sócio-político: fé de dimensão pública, defender uma Igreja livre e favorecer a formação e educação dos fiéis.

O universo moderno ganhou configuração a partir de René Descartes (1596-1650), filósofo francês do século XVII, pai do racionalismo moderno, para o qual o sujeito passa a ser o início e o centro do pensamento. O *cogito* passa a ser o fundamento de toda a filosofia moderna: “Penso, logo sou”. A

modernidade situa-se no horizonte cultural; diz respeito aos valores, à ética e é um fenômeno que atinge as atitudes e o estado de espírito das pessoas.

Desse modo, a modernidade é, antes de tudo, o triunfo da razão, onde vale o que é empírico, eficaz e lógico. Ela, originariamente, caracterizava-se pela ruptura, pela emancipação diante da religião, da tradição e da Igreja. Da modernidade surge o pós-modernismo e o neoliberalismo, isto é, o desejo de emancipação, no início tão significativo e positivo, tornou-se um “império”. Daí decorre o triunfo do sistema capitalista com sua lógica do lucro a todo custo, sem limites e sem nenhuma ética social, atingindo brutalmente a pessoa humana e sua dignidade.

A economia está no cerne do sistema capitalista. Institui-se um sistema global sem ordem e sem valores éticos de solidariedade e fraternidade. A globalização surge como um fenômeno de mundialização da economia, que navega pela via da informática e dos avanços tecnológicos. Esses avanços causam grandes mudanças nos meios sociais, políticos, culturais, econômicos e religiosos. É bastante relevante aquilo que o Papa Francisco nos recorda na encíclica *Fratelli Tutti*, que a promoção da amizade social é um caminho a ser percorrido, pois, nos leva a criar a cultura do encontro e lutar contra a globalização da indiferença. Diz Francisco: “No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos”.<sup>1</sup> Desse modo, é fundamental um processo de integração entre os bens trazidos pela tecnologia e as necessidades humanas, sobretudo, no respeito a dignidade de cada pessoa, nos diversos campos da sua vida.

Um dos males maiores de que sofre a humanidade neste final de milênio é a tendência de ‘excluir o outro’: grupos, culturas, religiões, sociedades, nações ou classes sociais. A ‘cultura da morte’ ou ‘cultura cainítica’ manifesta-se não só nos atentados pontuais contra a vida humana nascida ou não nascida, mas também, e sobretudo, na tendência de eliminar ou excluir o ‘outro’.<sup>2</sup>

A exclusão do outro é sentida quando observamos um distanciamento ou ignorância de valores humanos basilares. Em contrapartida à extrema valorização da técnica, que assume um papel sem nenhuma referência a valores éticos, provocando diversas formas de miséria e destruição (ex.: os meios de comunicação e sua influência sobre a vida humana); a ideia de uma cultura única, formando uma indústria cultural ou ‘cultura dos enlatados e descartáveis’ (ex.: fast-food, delivery,

<sup>1</sup> FT 30.

<sup>2</sup> VIDAL, M., Transformações recentes e perspectivas de futuro na ética teológica, p. 188.

lojas virtuais, shopping center, etc). O resultado de tudo isso é a massificação, ou seja, a perda da identidade cultural. As culturas são engolidas pela cultura dominante. Há uma imposição de “ídolos” e se esquece dos “heróis e heroínas”.

Diante desse cenário pós-moderno, que excita viver o prazer desmedido (hedonismo), a individualidade solitária (individualismo) e o consumo sem real necessidade (consumismo), vemos crescer o conflito entre o desejo e a realidade, a exclusão social e o aumento da miséria e da violência. Neste sentido, toda essa temática já fora sinalizada e ganhou consistência nas Conferências do episcopado latino-americano, com destaque para Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2007). A defesa da dignidade humana, a injustiça social e a pobreza denunciam um mundo adoentado e necessitado de esperança. À luz do Evangelho, a fé cristã ilumina o destino do homem e a sua busca por sentido. Daí decorre que a pastoral tem um papel importante de facilitar uma missão perpassada pela esperança cristã frente a morte e o luto.

## **2. A esperança cristã frente a tantas realidades de morte e de luto**

Como tratamos anteriormente, a modernidade trouxe inegavelmente uma série de vantagens ao ser humano, mas, ao mesmo tempo, podemos dizer que nos fechamos a algumas realidades tão presentes em nossa existência, como a morte. Frente a tantos avanços tecnológicos e científicos, o ser humano, muitas vezes, tem dificuldade de integrar esta realidade profunda, de maneira que “quando a morte chega, seja para quem está próximo seja para nós mesmos, não estamos preparados, privados até de um ‘alfabeto’ adequado para esboçar palavras com sentido acerca do seu mistério, que, contudo, permanece”.<sup>3</sup>

### **2.1. Os tipos e sinais de luto**

A visão bíblica do ser humano concebe a pessoa como uma unidade, integrando corpo e alma. Diferente da visão grega que separa espírito e matéria. Ambas visões influenciam bastante na compreensão do “ser pessoa” e do enfrentamento da dor e da morte. A morte e a dor da perda trazem desolação e tristeza, por isso todos têm o direito de chorar e lamentar. É verdade que, também, todos têm o direito de saber que existe um Deus que é compaixão, fonte da nossa esperança. A esperança de que, para além de toda dor e de toda morte, há uma mão

---

<sup>3</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 18 de outubro de 2017.

que “enxugará as lágrimas de nossos olhos”, e que assim “a morte já não existirá, nem haverá luto, nem pranto, nem fadiga, porque tudo isso já passou” (Ap 21,4).

Para quem está no meio de perdas e luto é muito confortante saber que Deus é fonte de misericórdia e compaixão. Sabemos também que o ritmo de nossa vida é repleto de paradoxos, idas e vindas, chegadas e partidas, provisórias ou definitivas.

Deixa-se a casa para ir à escola; as brincadeiras para trabalhar; a família de origem para constituir uma nova; o trabalho para aposentar-se; a vida para encontrar a morte; a morte para entrar na vida eterna. Sempre se diz adeus a alguém ou a algo e as pequenas separações nos preparam para enfrentar as mais difíceis e definitivas. O luto é o preço que se paga pelos próprios apegos e afeições.<sup>4</sup>

Então, podemos nos perguntar: como se classifica o luto? A seguir vamos elencar os tipos e sinais de luto.

- ❖ Luto retardado – ocorre quando a pessoa custa reagir diante da perda;
- ❖ Luto crônico – é a incapacidade de reintegrar-se na normalidade da vida, ou seja, permanece mergulhado em fantasias e recordações acerca da pessoa falecida;
- ❖ Luto patológico – revela uma patologia psiquiátrica após a perda, como uma depressão maior. Em certas ocasiões é necessária a intervenção de um profissional;
- ❖ Sinais do luto físico: choro, soluço, lamento, desmaios, dores no peito, falta de apetite;
- ❖ Sinais do luto mental: confusão, desorientação, dificuldade em concentrar-se, perda de memória;
- ❖ Sinais do luto emocional: ansiedade, medo, solidão, depressão, tristeza, irritabilidade;
- ❖ Sinais do luto espiritual: vazio interior, incapacidade de rezar, sensação de abandono, rancor e ressentimento com Deus;
- ❖ Sinais de superação: falar da pessoa amada sem chorar ou perturbar-se; cuidar de si e da própria saúde, aprofundar a própria fé;
- ❖ Sinais de luto não superado: “mumificação” das coisas que pertenciam ao falecido, rejeição da ajuda externa, isolamento dos outros e de Deus;
- ❖ Etapas no luto: aceitação da perda, adaptação a novo ambiente, reintegração social.

---

<sup>4</sup> PANGRAZZI, A., Luto, p. 708.

O enfrentamento do luto, a partir dos sinais apontados, passa por etapas de elaboração e da capacidade de integração do sentido da vida, à luz da fé e da esperança cristãs. Segundo Pangrazzi, “a fé cristã não tira a dor, mas ajuda a enfrentá-la”.<sup>5</sup>

## 2.2. A resposta cristã frente a morte

Frente ao mistério da dor e do sofrimento cabe ao ser humano buscar o sentido da vida e também da morte. É certo que toda pessoa, um dia, atingirá a grande certeza que tem na vida: a morte, porque todo ser humano é mortal. Se é parte da natureza nascer, o morrer também integra a existência. A morte é o instante para o qual ninguém deve encontrar-se desesperado ou preparado. O momento da morte é decisivo para a sorte do ser humano na eternidade. Para quem crê, a morte não é destino, mas caminho que leva para um destino: o encontro definitivo com Deus.

A morte é uma certeza, por isso não é boa e nem ruim, simplesmente existe. Ela é a derradeira experiência pela qual cada ser vivente passará. A certeza da morte impulsiona-nos a dar sentido à nossa existência. Todo ser humano ao longo de sua vida sofre pequenas mortes, mas a maior é lutar e preparar-se para a sua própria partida. Isto causa aflição e angústia, pois não se sabe o dia nem a hora, muito menos como será. Por isso, não podemos ignorar, tampouco negar esse acontecimento, mesmo que a nossa cultura afirme o contrário, revelando sua incapacidade de lidar com aquilo que se desconhece, causa medo e provoca o enlutamento.

O luto é experiência profundamente pessoal, mas o impacto com a morte, mais ou menos iminente, produz medos diversos. Medo da dor física, da deformação do corpo, da separação dos entes queridos; medo do desconhecido, do sentimento de inutilidade, do juízo de Deus, da perda de independência ou até da solidão.<sup>6</sup>

Após a morte é natural que ocorra esse processo de luto. O luto é experiência que todo o ser humano deve enfrentar, experiência que expõe a vulnerabilidade dos apegos e a inevitabilidade das separações. No entanto, nestas ocasiões comporta o reavivamento da fé e da esperança na ressurreição.

“O nosso destino final é a comunhão pessoal e íntima com Deus. É este o seu plano e é para isso que nos criou”.<sup>7</sup> Neste sentido, a Igreja expressa a

---

<sup>5</sup> PANGRAZZI, A., Luto, p. 713.

<sup>6</sup> PANGRAZZI, A., Luto, p. 709.

<sup>7</sup> BLANK, R., VILHENA, M. A., Esperança além da esperança, p. 96.

esperança no Senhor da Vida ao oferecer solidariedade por meio das celebrações litúrgicas e do acompanhamento pastoral.

### **3. A celebração litúrgico-cristã da morte e o serviço de acompanhamento pastoral**

Uma vez que a esperança cristã está fundada na pessoa de Jesus, vencedor da morte, a Igreja, por meio dos sacramentos, acompanha os seus filhos desde o seu nascimento e manifesta por meio deles a presença constante de Cristo, pelo Espírito, em sua Igreja. “A morte pode ser objeto de celebração litúrgica na medida em que está relacionada com o mistério pascal de Jesus Cristo, única realidade que é de fato celebrada pelos cristãos”.<sup>8</sup>

Com os sacramentos da iniciação cristã, novos cristãos são acolhidos e inseridos na comunidade de fé. A dimensão pascal pervade toda a preparação e recebimento dos primeiros sacramentos, de modo especial, o batismo. Já “o dia da morte inaugura para o cristão, no término de sua vida sacramental, a plenitude de seu novo nascimento, iniciado no batismo”.<sup>9</sup>

Segundo Pouilly, o ser humano é envolvido em uma dupla viagem. Com os ritos e celebrações todos acompanham a “última viagem” do falecido, que se separa definitivamente da vida terrena. Consequentemente, o grupo familiar ou social vive uma outra viagem, que perpassa a religiosidade, o sentimento, a afetividade e a saúde psíquica. “Desde o instante da morte ao sepultamento, algo se passa na mente do ‘próximos’ que os conduz do choque à sensação de perda total, através de uma separação progressiva”.<sup>10</sup>

Quem está em luto não precisa de sermões ou conselhos, mas de acolhida, escuta e compreensão. Por isso, o processo de acompanhamento com quem está no luto exige um exercício piedoso e caridoso, como: proximidade, calor humano, escuta respeitosa, paciência e sensibilidade. A assistência fraterna e humana nos inspira o cuidado com as palavras, com a linguagem, com os gestos, opiniões e sugestões. Tal é o constante convite do Papa Francisco, para que os cristãos sejam verdadeiramente comunidade viva e que vivam a caridade uns para com os outros nas suas diversas dimensões.

A esperança que nos é oferecida não nos separa dos outros, e muito menos nos leva a desacreditá-los ou a marginalizá-los. Ao contrário, trata-se de uma dádiva extraordinária da qual somos chamados a tornar-nos “canais” para todos, com

---

<sup>8</sup> LLOPIS, J., Exéquias, p. 617.

<sup>9</sup> POUILLY, A., A celebração da morte do cristão, p. 209.

<sup>10</sup> POUILLY, A., A celebração da morte do cristão, p. 210.



humildade e simplicidade. E então o nosso maior orgulho consistirá em ter como Pai um Deus que não tem preferências, que não exclui ninguém, mas que abre a sua casa a todos os seres humanos, a começar pelos últimos e pelos distantes a fim de que, como seus filhos, aprendamos a consolar-nos e a ajudar-nos uns aos outros.<sup>11</sup>

A partir dessa realidade notamos a importância de um ministério atento à dor e ao luto. A pastoral da esperança pode e deve ser fomentada e incrementada na missão pastoral da Igreja do Brasil. Sabemos que após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), a Congregação para o Culto Divino elabora um novo ritual de exéquias, o *Ordo Exsequiarum*, publicado em 1969, uma vez que a Constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia orienta que “o rito das exéquias deve exprimir mais claramente a índole da morte cristã” e essa mesma atenção seja dada ao rito de enterro das crianças.<sup>12</sup>

Durante a realização do Concílio Vaticano II, em 1964, o novo ritual das exéquias foi constituído por uma equipe de trabalho, visando justamente expressar o caráter pascal da morte cristã e a diversidade de ambientes e situações em que se celebra a morte. Essa equipe constatou que existiam três tipos de práticas fúnebres no mundo, a saber: na Igreja, na casa e no cemitério.<sup>13</sup> Segundo J. Llopis o novo ritual exequial expande a compreensão dessas três modalidades, que são ritos tanto para adultos como para crianças.<sup>14</sup>

No Brasil, o ritual das exéquias foi publicado em 1971. É verdade que traz aspectos novos com relação ao ritual de 1614. Seu conteúdo nos recorda que a ação da Igreja deve despertar a esperança e fortificar a fé dos que sofrem. Chama a atenção para que o ministro ordenado seja educador da fé e ministro da consolação. Além disso, todos os cristãos, de modo especial os presbíteros, devem suscitar a esperança e reavivar a fé no Mistério Pascal e na ressurreição dos mortos,

---

<sup>11</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 15 de fevereiro de 2017.

<sup>12</sup> SC 81-82. ROUILLARD, P., Os ritos dos funerais, p. 244.

<sup>13</sup> *O primeiro tipo de exéquias* – compreende três estações: na casa, na igreja e no cemitério. Este é o modo mais tradicional e expressivo. Em casa, realiza-se o velório entre amigos e familiares, com orações, vigília e consolações. Da casa terrena se parte para a casa de Deus. Na igreja, se prevê a celebração da Missa exequial e a encomendação, seguida da procissão até ao cemitério, onde acontece e a bênção da sepultura e a despedida. *Segundo tipo de exéquias* – são contempladas duas estações, ambas no cemitério, o velório na capela e a bênção junto ao sepulcro. Ali além das orações e vigílias, pode-se celebrar a Missa, se parecer conveniente. *Terceiro tipo de exéquias* – reserva-se somente uma estação, ou seja, tem um lugar unicamente no velório. No ritual as indicações preveem algumas adaptações às circunstâncias concretas, por exemplo, pode realizar uma vigília de oração junto ao corpo do defunto, seguida de encomendação, despedida, fechamento do caixão e enterro no cemitério.

<sup>14</sup> LLOPIS, J., Exéquias, p. 621.

exprimindo o amor materno da Igreja e a consolação da fé, de maneira que suas palavras animem os crentes, mas não ofendam os tristes.<sup>15</sup>

Esse acolhimento fraterno expressa a fé e a esperança cristãs na ressurreição. Elas podem não tirar a dor da perda e da separação definitiva, mas ajudam a enfrentá-las. A fé nos lança para a realidade do céu, da eternidade. A assistência pastoral com os enlutados (cônjuges, familiares, amigos) não pode limitar-se aos rituais de exéquias, mas requer, posteriormente, um acompanhamento humano-pastoral.

Por isso, é fundamental a dedicação de toda comunidade (ministros ordenados e leigos) junto aos que experimentam o luto, sobretudo aqueles que não puderam vivê-lo ritualmente.

Ajudar-nos uns aos outros! E ajudar-nos não apenas nas necessidades, nas numerosas dificuldades da vida quotidiana, mas ajudar-nos na esperança, apoiar-nos na esperança. E não é por acaso que ele comece referindo-se precisamente àqueles aos quais foram confiados a responsabilidade e o governo pastoral. São os primeiros chamados a alimentar a esperança, e isto não porque são melhores que os outros, mas em virtude de um ministério divino que vai muito além das suas forças. Por este motivo, têm mais necessidade do que nunca do respeito, da compreensão e do apoio benévolo de todos.<sup>16</sup>

Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá” (Jo 11,25). Ele veio ao mundo para salvar e não para condenar, veio cumprir a vontade do Pai, que ninguém se perca, mas todos aqueles que creem em Jesus Cristo tenham a vida eterna (Jo 6,37-40). Jesus é para nós sinal de vida e esperança. E impelidos pela Esperança cristã, com Jesus, fazemos a experiência de Deus que é Pai. Nesse sentido, o subsídio “Nossa Páscoa”<sup>17</sup>, nos traz uma bela oração: “Ó Pai de bondade, vossos dias não conhecem fim e vossa misericórdia não tem limites”.<sup>18</sup>

#### **4. Pensar a Pastoral da Esperança à luz do Papa Francisco**

De 07 de dezembro de 2016 a 25 de outubro de 2017, o Papa Francisco realizou uma série de 38 audiências gerais sobre o tema da Esperança cristã. Partindo sempre da Palavra de Deus, que é fonte e alma da teologia, ele buscou articular temas importantes do nosso tempo, relacionando-os com a necessidade de os cristãos fundarem a sua esperança num alicerce sólido:

<sup>15</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. Celebração das exéquias, p. 14.

<sup>16</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 8 de fevereiro de 2017.

<sup>17</sup> CNBB, Nossa páscoa, p. 85.

<sup>18</sup> CNBB, Nossa páscoa, p. 85.

Eis, então, por que a esperança cristã é sólida, eis por que não desilude. Nunca desilude. A esperança não desengana! Não está fundada no que nós podemos fazer ou ser, e nem sequer naquilo em que podemos acreditar. O seu fundamento, ou seja, o fundamento da esperança cristã, é o que de mais fiel e seguro pode existir, isto é, o amor que o próprio Deus alimenta por cada um de nós.<sup>19</sup>

Frente a tanta dor, sofrimento e mortes em nosso tempo, é importante recordar esta motivação do Papa, a qual deve mover e motivar constantemente os cristãos. A nossa esperança e bem-aventurança consiste na fé na ressurreição, porque Cristo ressuscitou, venceu a morte e nos libertou, diz São Paulo: “Se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele” (Rm 6,8). Por isso, podemos afirmar que a centralidade da fé cristã está no Mistério Pascal de Cristo. O autor do Apocalipse diz: “Ele faz novas todas as coisas. Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim” (Ap 21,5-6). Nesta perspectiva, ao encarar as despedidas definitivas, o luto e a dor pela perda de alguém, somos sustentados pelo amor de Deus que é o fundamento da esperança cristã.

O Papa Francisco nos fala que o fundamento e a solidez da Esperança cristã é o amor de Deus. Entretanto, nos últimos dois anos o que temos assistido e acompanhado são situações difíceis e dolorosas que assolam a dignidade humana, seja por doenças (covid-19) ou por guerras tirânicas. Partindo dos acontecimentos que estão ao nosso alcance pelos meios de comunicação podemos dizer que sabemos como tudo começou, mas não como e quando tudo vai terminar. Muitas vidas foram perdidas e tantas outras são ceifadas diariamente pela violência da guerra ou pela pandemia, provocando cenas de tristezas, revoltas e indignações.

Nesse âmbito, o que assistimos, observamos e acompanhamos foi uma agressividade e uma ruptura. O modo cotidiano de viver das pessoas sofreu a agressão da reclusão, do isolamento e do distanciamento físico. E diante da morte rompeu-se o costume de sepultar seus mortos com dignidade. Abriram-se valas e muitos túmulos para enterrar os corpos, inclusive, em horários alternativos e, o mais cruel, muitas vezes sem a presença de familiares. Negou-se a celebração do velório e das exéquias. No entanto, é impossível negar o processo de luto, de dor e sofrimento.

A Esperança cristã “não é um conceito, nem um sentimento, não é um celular, nem uma porção de riquezas! A nossa esperança é uma Pessoa, é o Senhor Jesus que reconhecemos vivo e presente em nós e nos nossos irmãos,

---

<sup>19</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 15 de fevereiro de 2017.

porque Cristo ressuscitou”.<sup>20</sup> A morte e a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo manifestam a nossa esperança no Deus da Vida, afirmando a fé na ressurreição, pois Deus ressuscitou Jesus dos mortos, de maneira que a morte não tem mais a última palavra.

## **Conclusão**

A questão da morte e do luto vivenciados no horizonte humano se abre ao mistério divino da Esperança cristã. Neste sentido, a teologia pastoral tem uma importante missão de expressar toda a força e a delicadeza para cuidar da vida, porque, pouco a pouco, vamos morrendo. E tal realidade se enfrenta com gestos diretos e concretos, mostrando o real sentido da existência humana, que é revelar sua dignidade de filhos de Deus, pois somos criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27).

A vida vai revelando sua profunda riqueza e sentido à medida que vamos aprendendo a “caminhar juntos”. O sentido de nossa existência está naquilo que somos, na missão que assumimos integralmente. No mundo conturbado que vivemos a esperança e a fé não podem ficar esquecidas. O nosso caminhar é mais seguro quando trilhando as estradas da vida vamos perfazendo o caminho e construindo a nossa história, a qual integra a vida e a morte, pois ambas fazem parte da condição humana. Somos gente da esperança, que espera, reza e confia. Não cremos que a vida, na sua singularidade, termina sob a lápide fria de uma sepultura, mas, a nossa morada definitiva será no coração de Deus, “o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2Cor 1,3).

Nos diz o livro da Sabedoria: “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá, estão em paz, pois descansam na eternidade” (Sb 3,1-9). Neste sentido, o Prefácio para a Missa dos féis defuntos tem um tom de humana suavidade e divina certeza: “Nele refulge para nós a esperança da feliz ressurreição. E aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola. Para os que creem em Deus, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado, nos céus, um corpo imperecível” (Prefácio, MR, p. 462). Nada será capaz de nos separar do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor (Rm 8,38-39).

## **Referências bibliográficas**

BLANK, R., VILHENA, M. A. **Esperança além da esperança**. Valencia: Siquem, 2001.

---

<sup>20</sup> FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 5 de abril de 2017.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. **Celebração das exéquias**. Fátima: secretariado nacional de liturgia, 2020.

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Missal Romano. 2. edição típica. São Paulo: Paulus, 1992.

CNBB. **Nossa páscoa**: subsídios para a celebração da esperança. São Paulo: Paulus, 2008.

FRANCISCO, PP. **Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Catequese sobre a esperança em 8 de fevereiro de 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco\\_20170208\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170208_udienza-generale.html)>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Catequese sobre a esperança em 15 de fevereiro de 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco\\_20170215\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170215_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Catequese sobre a esperança em 5 de abril de 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco\\_20170215\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170215_udienza-generale.html)>. Acesso em: 30 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Catequese sobre a esperança em 18 de outubro de 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco\\_20171018\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20171018_udienza-generale.html)>. Acesso em: 24 jun. 2022.

LLOPIS, J. Exéquias. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 615-625.

PANGRAZZI, A. Luto. In: CINÁ, G. et al. **Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 708-713.

POUILLY, A. A celebração da morte do cristão. In: CELAM. **Manual de liturgia, volume IV**. A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007. p. 209-217.

ROUILLARD, P. Os ritos dos funerais. In: SCICOLONE, H. et al. **Os sacramentos e as bênçãos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. p. 225-265.

VIDAL, M. Transformações recentes e perspectivas de futuro na ética teológica. In: GIBELLINI, Rosino (Ed.). **Perspectivas teológicas para o século XXI**. Aparecida: Santuário, 2015. p. 165-189.

***Gilmar Antônio Aguiar***

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: gilscamilo@yahoo.com.br

Recebido em: 30/07/22

Aprovado em: 12/12/22